

UM OLHAR PÓS-CRÍTICO DAS METÁFORAS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO CONTEXTO AMAZÔNICO¹

A POST-CRITICAL VIEW OF BRAZILIAN SIGN LANGUAGE METAPHORS IN THE AMAZON CONTEXT

João Carlos Gomes²
Marcos Roberto Braña Silva³

RESUMO: Reconhecemos, no contexto das “Diásporas amazônicas: língua, cultura e educação sob o signo da diversidade”, que a interpretação dos processos de

1 O presente artigo foi premiado com menção honrosa e destaque pelo Programa institucional de iniciação científica PIBIC/UNIR/CNPQ/ ciclo 2020/2021.

2 Docente e pesquisador da Universidade Federal de Rondônia, Mestrado Acadêmico em Letras.

3 Acadêmico da Licenciatura em Letras de Libras, na Universidade Federal de Rondônia, e bolsista CNPq do PIBIC.

comunicação e expressão da Língua Brasileira de Sinais (LBS) no contexto amazônico, tanto no sentido literal ou metafórico, é um fator que define a metáfora como figura de linguagem. Nesse cenário, o presente estudo e pesquisa deve como objetivo registrar as metáforas utilizadas nos processos de comunicação e expressão no contexto amazônico da licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A metodologia da pesquisa foi construída nos pressupostos dos estudos surdos pós-críticos com base em Meyer e Paraíso (2012), que asseguram ser possível pesquisarmos sem um método previamente definido a seguir. Com os pressupostos teóricos do tema pesquisado, podemos definir o modo como construímos nossas próprias pesquisas. Nesse sentido, buscamos os pressupostos teóricos de Faria (2003), os quais sustentam existir uma relação metafórica na semelhança de iconicidade presente nos sinais metafóricos em língua de sinais quando um termo é usado para se referir a outro termo. Neste rumo, Monte (2016) apresenta pressupostos teóricos que nos revelam que as metáforas na Língua Brasileira de Sinais ocorrem por meio dos sinais nos processos de configurações dos sinais. Os pressupostos teóricos sobre metáforas da língua de sinais brasileira identificados neste estudo e pesquisa contribuem para a construção de procedimentos metodológicos para o registro dos sinais utilizados nas metáforas das línguas de sinais. Os resultados demonstram que metáforas, empregadas pelas comunidades surdas no contexto da licenciatura em Letras Libras, são construídas considerando os artefatos da cultura e identidade do povo surdo do estado de Rondônia.

Palavras-chaves: Metáforas; *Língua Brasileira de Sinais*; cultura e identidade surda.

ABSTRACT: We recognize in the context of the “Amazon Diasporas: language, culture and education under the sign of diversity” that the interpretation of the communication and expression processes of the Brazilian Sign Language (LBS) in the Amazon context, either literally or metaphorically, is a factor that defines the metaphor as a figure of speech. In this scenario, this study and research should aim to register the metaphors used in the processes of communication and expression in the Amazonian context of the Licentiate Degree in Libra Letters at the Federal University of Rondônia (UNIR). The research methodology was built

on the assumptions of post deaf studies. -critical based on Paraiso (2012), which ensures that it is possible to search without a previously defined method below. With the theoretical presuppositions of the researched theme, we can define how we build our own researches. In this sense, we seek the theoretical presuppositions of Faria (2003) which assures that there is a relationship to metaphor that demonstrates a similarity of iconicity present in metaphorical signs in sign language that we can consider that a term is used to refer to another term. In this direction, Monte (2016) presents theoretical assumptions that reveal that metaphors in Brazilian sign language occur through signs in the processes of sign configurations. The theoretical assumptions about Brazilian sign language metaphors identified in this study and research contribute to the construction of methodological procedures for recording the signs used in sign language metaphors. The results demonstrate that metaphors used by deaf communities in the context of the Licentiate Degree in Libras Letters are constructed considering the cultural artifacts and identity of the deaf people in the state of Rondônia.

Keywords: Metaphors; Sign Brazilian language; deaf culture and identity.

INTRODUÇÃO

As pesquisas acadêmicas voltadas para a Língua Brasileira de Sinais (LBS) têm sido fomentadas desde o reconhecimento da Libras, pela Lei n.º 10.436/2002 (BRASIL, 2002), como forma de meio de comunicação e expressão da comunidade surda. No contexto internacional, o marco referencial das línguas de sinais conquistou o *status* linguístico com os estudos de Wiliam Stokoe (2005) que revelou que as línguas de sinais apresentam aspectos linguísticos caraterísticos às línguas orais. Com seus estudos e pesquisas, esse estudioso procurou identificar a morfologia da configuração dos sinais, proporcionando novos olhares para as línguas de sinais, permitindo que as pesquisas linguísticas relacionadas às línguas de sinais avançassem e garantindo o reconhecimento dos estudos e

pesquisas linguísticas.

No contexto dos estudos linguísticos, o presente estudo e pesquisa busca compreender as metáforas da Libras e as particularidades semânticas e pragmáticas. As metáforas, ao longo da história, tiveram várias definições. Apesar de, na contemporaneidade, o conceito de metáfora estar bem estabelecido nos campos de estudos voltados para a área de Letras, envolvendo estudos de Linguística e Linguagem; esse conceito por diversas vezes foi estruturado em teorias, sendo elas tradicionais, pragmáticas e cognitivas. Pressupostos teóricos, apresentados por Faria (2003), ressaltam que é importante analisar as terminologias para se evitarem equívocos entre as teorias sobre metáforas. Portanto, deve-se tomar conhecimento dos conceitos de iconicidade, metonímia e metáfora porque ambos os conceitos são parecidos, mas não devidamente iguais para revelação das metáforas.

Com base em Faria (2003), é possível reconhecermos que o conceito de metáfora, juntamente com iconicidade e metonímia, estrutura-se principalmente pelo contexto discursivo em língua de sinais. Com isso, deve-se reconhecer cada um dos três conceitos para que ocorra a separação de seus significados, e para que não haja nenhum entrecruzamento sobre as teorias tradicionais, pragmáticas e cognitivas. Nesse sentido, a observação de que a linguagem é impregnada de metáforas levou muitos estudiosos a terem uma nova visão sobre a linguagem figurada nos processos de comunicação e expressão ao usarem a língua de sinais. Podemos assegurar que metáfora é um elemento importante da figura de linguagem que, nos processos de comunicação e expressão, produz o entendimento da linguagem metafórica utilizada na produção de discursos das línguas de sinais.

Lakoff e Turner (1989 *apud* CARVALHO, 2004) asseguram que a metáfora é uma figura de linguagem que compara de forma seletiva os argumentos, destacando as qualidades de um sujeito consideradas importantes para aquele que a usa nos processos de comunicação e expressão. Nesse sentido, Carvalho (2004) revela-nos que a metáfora é uma ponte que liga domínios semânticos diferentes e faz, assim, que tenhamos compreensão de novos

caminhos para o entendimento dos processos de comunicação e expressão. Com isso, podemos reconhecer que a metáfora é uma maneira de expandir os significados de palavras além do literal, ao abstrato, e uma maneira de expressar o pensamento abstrato, utilizando a figura de linguagem ao aplicar termos simbólicos.

Pollio *et al.* (1990 *apud* CARVALHO, 2004) corroboram nossas reflexões sobre o uso das metáforas nas línguas de sinais, assegurando que o processo de construção das metáforas parece se dar na tentativa de fazer o mundo abstrato compreensível, ou de trazer o mundo para dentro de nós mesmos ou de irmos até ele. Por outro lado, Cacciari (1998 *apud* CARVALHO, 2004) expressa que o ser humano, ao pensar em proferir uma sentença nos processos de comunicação e expressão, tem à sua disposição várias escolhas; entre elas, a de que forma ele deseja se expressar: literalmente, ironicamente, metaforicamente, entre outras. Assim sendo, a metáfora como figura de linguagem desempenha um papel importantíssimo na construção de discursos diários e no processo de formação de nosso pensamento.

Nesse contexto, podemos reconhecer que a função da metáfora é estender as capacidades de comunicação e expressão do ser humano, tornando tal figura de linguagem uma “janela” para os sistemas de conhecimento que são relevantes e centrais nos processos de comunicação e expressão de determinadas culturas. De acordo com Monte (2016, p. 3), as metáforas são essenciais no contexto pragmático interpretativo para se localizar dentro de quaisquer processos de comunicação e expressão. Para essa autora, a metáfora é de uso pragmático, porque é o contexto de uso que vai determinar se o enunciado da figura de linguagem vai ter uma interpretação literal ou metafórica.

Nesse cenário, buscamos reconhecer, com o presente estudo, como as metáforas compõem esquemas imagéticos que favorecem a compreensão de domínios abstratos, cujo uso se extrapola na poética e na retórica, passando a ser compreendido como algo presente no dia a dia na linguagem, no pensamento e na ação. Com isso, podemos assegurar que as metáforas são utilizadas no dia a dia pelas pessoas surdas nos mais variados processos de comunicação e expressão.

Como base nos visão teórica apresentada, nosso interesse com o presente estudo e pesquisa é saber como funcionam as figuras de linguagem no contexto da Língua Brasileira de Sinais, uma vez que a metáfora ocasiona uma transferência de significados, estabelecida por meio de uma comparação implícita em diálogos, textos, poesias, entre outras retóricas. Por esse motivo, reconhecemos que as metáforas são reconhecidas como uma figura de linguagem, que torna a conversa mais elucidativa, a fim de proporcionar um diálogo mais intenso e inovador, nos processos de comunicação e expressão em língua de sinais.

Nesse rumo, o presente estudo e pesquisa teve como objetivo geral registrar as metáforas utilizadas nos processos de comunicação e expressão na licenciatura de Letras Libras, da Universidade Federal de Rondônia, no campo dos estudos pós-críticos, no contexto amazônico. Para alcançar essa compreensão, tivemos como objetivos específicos reconhecer as metáforas utilizadas nos processos de comunicação e expressão, visando à construção de um glossário com configurações dos sinais das metáforas aplicadas nos processos de comunicação e expressão nessa licenciatura

Como resultados da pesquisa, apresentamos as metáforas que foram identificadas com base na perspectiva de cultura e identidade surda da língua de sinais empregada no contexto amazônico. São figuras de linguagens que são utilizadas nos processos de comunicação e expressão relacionados a signos da diversidade presente na Amazônia brasileira. A construção do glossário encontra-se em andamento e deu-se por meio dos dados produzidos com as metáforas da LBS, com participação de um acadêmico surdo que contribuiu para que esse estudo e pesquisa cumprisse seus objetivos de identificar as metáforas da língua de sinais brasileira no contexto amazônico.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi construída com base nos postulados dos estudos culturais pós-críticos sustentados por Meyer e Paraíso (2012), que asseguram que uma metodologia de pesquisa sempre possui caráter

pedagógico, porque se refere a um caminho de como fazer e construir uma trajetória a iniciar dos objetivos levantados sobre o tema. Neste contexto, podemos assegurar que a metodologia foi construída com base nos estudos surdos pós-críticos que tiveram como base científica os estudos que realizamos sobre as metáforas em língua de sinais brasileira.

Um dos principais pressupostos teóricos utilizados foi Faria (2003), que assegura que se pode dizer que há uma correlação entre forma e função no conceito de iconicidade com as figuras de linguagens presentes nas línguas de sinais. Com isso podemos reconhecer que existe semelhança entre a metáfora e as representações iconográficas presentes nas configurações dos sinais em língua de sinais. Para a autora, metaforicamente podemos admitir que um termo é usado para se referenciar a outro termo. Com base apoio investigativo, Faria (2003) ressalta que gestos e pantomimas podem gerar confusões entre metáfora e iconicidade, porque os dois conceitos se estruturam em representar algo com base em uma forma que é semelhante àquilo que se quer representar. Todavia podemos reconhecer que o fenômeno presente na metáfora envolve tanto os mapeamentos conceituais, quanto as expressões linguísticas presentes nas configurações dos sinais.

Com fundamento nesses pressupostos, os dados da pesquisa foram produzidos por meio da observação dos sinais utilizados nos processos de comunicação e expressão pelos acadêmicos da Licenciatura de Letras Libras, da Universidade Federal de Rondônia, inferindo-se em conhecimento e premissas específicos da cultura e identidade surda. Meyer e Paraíso (2012) explicitam que as teorias de pesquisas pós-críticas em educação orientam o nosso modo de investigar, inventando e ressignificando os caminhos percorridos.

Para a análise, buscamos realizar a sistematização dos dados produzidos, visando construir um glossário das metáforas com sinais termos identificados, com suporte em Farias (2003), Carvalho (2004) e Monte (2016). Nesse cenário, os resultados foram analisados com base nos pressupostos teóricos que contribuíram para a realização e a identificação das metáforas que são utilizadas no contexto da licenciatura em Letras Libras na perspectiva dos estudos surdos.

Com base em teorias dos estudos culturais pós-críticos que buscamos construir como referencial teórico, assumimos o

papel de autor coletivo da pesquisa e responsável pela ação. Foram valorizadas as culturas e identidades surdas e colocadas em relação dialógica com a cultura acadêmica. Neste contexto, as metáforas foram identificadas visando reconhecer, nas línguas de sinais, as linguagens do corpo pelas manifestações de sentidos, emoções, intuições e gestos na produção do conhecimento de língua gesto visual.

RESULTADOS DA PESQUISA

Para a construção dos resultados da pesquisa, foi realizada a identificação dos pressupostos teóricos sobre metáforas utilizadas nos processos de comunicação e expressão da Língua de Sinais Brasileira. Esses pressupostos permitiram identificar as principais metáforas empregadas pela comunidade surda pesquisada. Após o levantamento teórico sobre metáfora, foi realizada uma breve pesquisa com os sujeitos surdos acadêmicos do curso de Letras Libras para verificar como as metáforas são operadas na língua de sinais.

Carvalho (2004) assegura que, na perspectiva da teoria da metáfora conceitual, a língua é secundária, no sentido em que é o mapeamento que sanciona o uso da linguagem e dos padrões de inferência do domínio fonte para o domínio alvo. Porque o foco de interesse é o mapeamento; o termo metáfora (termo aplicado tradicionalmente na poesia) refere-se ao mapeamento e não às expressões linguísticas metafóricas. De forma que quando os teóricos falam na metáfora “Tempo é Dinheiro”, eles referem-se ao mapeamento conceitual e à sua realização verbal. Quando falam em expressões metafóricas, estão fazendo referência às expressões linguísticas licenciadas pelo mapeamento, como por exemplo, “economize seu tempo” e “não tenho tempo suficiente para gastar com você”.

Lakoff e Turner (1989 *apud* CARVALHO, 2004) comentam que o sistema conceitual do homem surge de sua experiência com o próprio corpo e o ambiente físico e cultural em que vive. Tal sistema, compartilhado pelos membros de uma comunidade

linguística, contém metáforas conceituais, sistemáticas, geralmente inconscientes e altamente convencionais na língua; e várias palavras e expressões idiomáticas dependem dessas metáforas para serem compreendidas.

Com base nos estudos surdos, a presente pesquisa sobre metáfora foi construída na perspectiva das relações de cultura e identidade surda com apoio em análises de iconicidade presentes nas configurações dos sinais de determinados conceitos utilizados como figura de linguagem nos processos de comunicação e expressão.

A construção do glossário foi desenvolvida pelo levantamento das configurações de sinais das metáforas identificadas nos processos de comunicação e expressão no contexto da licenciatura de Letras Libras. Nesse cenário, os pressupostos teóricos pós-críticos contribuíram para que pudéssemos evidenciar e problematizar a relação das metáforas com as línguas de sinais.

Para Wilcox (2000 *apud* CARVALHO, 2004), no estudo e pesquisa sobre as metáforas na Língua de Sinais (LS), elas não podem ser compreendidas sem considerar as influências da cultura e identidade surda. Para ele, as comunidades surdas caracterizam-se por uma compreensão de mundo essencialmente visual, considerando que o aspecto cognitivo visual tem uma importância fundamental na organização dos elementos culturais que variam de acordo com a organização social de cada comunidade. Nesse sentido, reconhecemos que não há limites nas criações linguísticas no contexto da Libras, afinal cada sinal pode apresentar um número ilimitado de combinações, levando em consideração o movimento, orientação da palma da mão, expressões e o ponto de articulação, que são considerados como as unidades mínimas (fonemas) que constituem os sinais. Por essa perspectiva, o presente estudo e pesquisa torna-se uma possibilidade que temos de ampliar os horizontes e a divulgação da cultura das comunidades surdas, uma vez que ainda há uma série de preconceitos que circulam em volta dessa língua visual-espacial.

Faria (2003) comenta que se pode dizer que há uma correlação entre forma e função no conceito de iconicidade. Já em relação à metáfora, é notável que haja uma semelhança com o

icônico; dessa forma, metaforicamente falando, um termo é usado para se referenciar a outro. Por exemplo “*you have a will of iron to study*”, ou seja, tem uma vontade forte, já que forte está metaforicamente ligado ao termo ferro.

Por outro lado, Carvalho (2004) assegura que existem vários pontos positivos sobre o papel da metáfora linguística no que diz respeito à comunicação e expressão. Entretanto, a verdadeira quebra de paradigma dos estudos da metáfora foi além de seus “elogios” em termos de seu papel linguístico e comunicativo, introduzindo a noção de que, mais do que uma figura de linguagem, uma metáfora expressa um pensamento. Caberiam, agora, as seguintes perguntas: 1) Como o linguista cognitivo passa da metáfora linguística para a metáfora conceitual? 2) Existe um procedimento claro para se identificar uma metáfora conceitual quando se encontra uma linguagem metafórica?

Essas perguntas motivadoras fazem uma ponte e, ao mesmo tempo, restringem a relação entre metáforas linguísticas e conceituais. Acredita-se que determinadas metáforas na linguagem refletem um tipo de pensamento. Isso não quer dizer que não existam elementos linguísticos apoiando as metáforas conceituais. Essa afirmativa se evidencia através dos estudos teóricos de Carvalho (2004).

Observa-se que as duas caracterizações de metáforas acima mencionadas se estruturam em representar algo com base em uma forma que é semelhante àquilo que se quer representar. Para Faria (2003), é comum pelos estudos da teoria, cujos conceitos são aplicados à metáfora na LSB, navegar pelos conceitos dos mais clássicos aos mais modernos. Na antiga Grécia, a metáfora alterava-se o tempo todo no quadro lexical. A comparação, nesse período antigo, era considerada uma metáfora porque quando se compara uma situação com a outra, é possível identificar uma semelhança, que é uma característica tanto da metáfora quanto da metonímia.

[...] na Idade Média, substituiu-se a concepção lexical da metáfora pela noção de polissemia textual. A metáfora estava, então, associada a desvio; no Neo-Classicismo, a unidade da metáfora volta a ser a palavra, e a metáfora, por

sua vez, passa a ser a substituição de um termo próprio por um termo figurado [...]. (FARIA, 2003, p. 67).

Nesse prisma, o conceito de metáfora está relacionado também com as práticas culturais. Comunicação, linguagem, pensamento e costumes são fatores fundamentais para construir a metáfora na cultura de determinada comunidade. Na visão de Lakoff e Johnson (1980; 2002 *apud* CARVALHO, 2004), a metáfora, embora não seja um evento exclusivo da linguagem, está presente no nosso cotidiano. Para os autores, a metáfora é compreendida como uma caracterização de nossas experiências, ou seja, é a concretização dos costumes, da cultura, da linguagem e do pensamento. Todos esses aspectos estão estruturados no contexto social.

Dessa forma, a metáfora vai se adequando a outros conceitos metafóricos, formando um todo coerente. Já na visão de Quinn (1991 *apud* CARVALHO, 2004), as metáforas refletem os modelos culturais preexistentes. Essa afirmação de Quinn contraria o que Lakoff e Kovecses (1987 *apud* CARVALHO, 2004) afirmam sobre as metáforas constituírem de forma ampla o modelo cultural. De acordo com Quinn, a sociedade americana tem uma percepção de casamento baseada em uma espécie de troca de benefícios, na qual um complementa o outro com suas qualidades, proporcionando experiências que sustentem a concepção de amor e de casamento.

Dessa forma, para Quinn, nenhuma metáfora é necessária para que conceitos abstratos emerjam. O argumento da autora é de que a estrutura motivacional do amor forneceria a sua estrutura de expectativa; isto é, desejamos estar com a pessoa que amamos, preenchendo nossas carências mútuas, e que esse amor seja longo (CARVALHO, 2004, p. 7).

Nesta perspectiva, Faria (2003) mostra-nos que o sinal de construir não está estritamente ligado às paredes como representação iconográfica. Isso porque o sinal de “*construção*” pode ser conceituado metaforicamente como um conceito semântico de construção de alguma coisa. A articulação do sinal, bem como sua

movimentação é icônica. No campo da visão tradicional, a autora relata que a metáfora consiste em um sentido de expressão de uma palavra para resultar em uma determinada noção abstrata.

[...] a metáfora é o emprego de todo termo substituído por outro que lhe é assimilado após a supressão das palavras que introduzem a comparação, o que, nas palavras de Donald Davidson (1984 *apud* Finger, 1996), significa construir um símile sem a partícula “como”. O significado figurativo da metáfora, para ele, decorre do significado literal do símile correspondente (FARIA, 2003, p. 73).

Nesse pressuposto, podemos destacar o poder de semelhança da metáfora dentro do contexto de figura de linguagem, ou seja, o significado figurativo é resultado daquilo que se quer corresponder como símile, algo semelhante que é representado por meio da metáfora. O conceito, apresentado por Lakoff e Johnson (1980 *apud* FARIA, 2003), é baseado no pensamento de que a “essência da metáfora é compreendê-la e ter um experimento de uma coisa em termos de outra”. Faria (2003) conceitua ainda que as metáforas não são assuntos propriamente da língua, mas sim do pensamento ou da ação, que tem base em conceitos subjacentes e, por isso, tem base cognitiva. É preciso compreender que essa afirmação cognitiva, em relação à metáfora, dá-se justamente pela reflexão sobre a formação da metáfora no nosso pensamento por meio de contextos de conversação do próprio cotidiano. A pragmática, de acordo com Faria (2003), tem uma forte conexão entre o significado e a força comunicativa que ela tem para os falantes em dadas situações de enunciação.

Leech (1980:2 *apud* Cavalcanti, 1989:57) define Pragmática como “... o estudo da relação entre o significado ou o sentido da expressão linguística e a força comunicativa que ela tem para falantes e ouvintes em dadas situações de enunciação”. (FARIA, 2003, p. 75)

Com base no pressuposto apresentado, a visão pragmática

revela como é uma língua em ação. Pelo fato de ser usualmente prático, o conceito de pragmatismo estabelece-se na própria comunicação pelo fato de ser na enunciação de expressões que a pragmática se encontra como algo prático em ser utilizado no dia a dia. De acordo com Faria (2003), a metáfora traz um confronto conversacional em relação ao pragmatismo, o que significa que ela faz parte do significado do falante e implica no uso real da sentença. Ou seja, é um conceito que está relacionado ao enunciado linguístico-pragmática.

Para Mey (1999 *apud* FARIA, 2003), a metáfora como uso da linguagem pelo falante é um requisito pragmático para compreender o contexto de uso. Por fim, a autora ressalta que é necessário o contexto por completo de uma situação que se quer caracterizar metaforicamente e que pode resultar em uso e desuso pragmático de uma metáfora particular. Ou seja, o contexto conversacional é de suma importância para inserir e identificar a metáfora como um conceito pragmático.

Faria (2003) relata também outro exemplo que fomenta o confronto entre iconicidade, metonímia e metáfora, presente no sinal da palavra “presidente” na Língua de Sinais Americana (ASL). A representação do sinal de presidente na sua articulação diz respeito à autoridade. O sinal é um ícone de chifre, chifre é uma metonímia de boi; boi é uma metáfora de poder de um presidente. Portanto, diante desse exemplo do sinal de presidente na ASL apresentado pela autora, podemos concluir que há uma forte relação entre iconicidade, metonímia e metáfora.

Com fundamento na teoria já mencionada, o sujeito surdo compreende a metáfora por meio de metonímia e iconicidade. Nesse contexto, passamos a apresentar as metáforas que foram identificadas no contexto da licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal de Rondônia, que são as seguintes: explodir cabeça, tagarela, fingir-mentira, conhecer resumo e relaxa.

O primeiro sinal que passamos a destacar, identificado no mencionado contexto acadêmico, é ‘*explodir cabeça*’. A configuração do sinal em Libras é representada com o ponto de articulação com um espaço neutro. O sinal é feito com expressão facial e movimentação

abrindo as palmas das duas mãos. O sinal é executado com a mão vibrando, fazendo referência a uma explosão. A abertura das mãos é feita apenas uma vez, conforme se encontra representado.

Figura 1— Configuração do sinal de explodir cabeça



Fonte: Foto cedida pela graduanda Ana Flavia Santos de Lima

Refletindo sobre a configuração do sinal de *explodir cabeça*, Carvalho (2004) corrobora com a nossa análise, assegurando que o ser humano sente a necessidade de utilizar recursos analógicos quando seus recursos linguísticos estão escassos. Nessas situações, surgem comparações baseadas em coisas que o ser humano viu e

viveu. Na metáfora de *explodir cabeça*, percebe-se que, nas analogias, não é preciso comparar todos os aspectos. A comparação é baseada em explosão. Essas analogias surgem justamente da necessidade de se expressar por meio da comunicação. O ser humano precisa se comunicar para que haja uma interação e, dessa forma, criar suas expressões metafóricas.

Para a metáfora da configuração do sinal de *tagarela*. O ponto de articulação corre num espaço neutro. O sinal é configurado com a expressão facial. A movimentação ocorre abrindo e fechando a mão. A abertura da mão pode ser feita várias vezes porque a intensidade vai representar a pessoa que fala muito, conforme podemos verificar a configuração do sinal na imagem.

Figura 2 — Configuração do sinal de tagarela



Fonte: Foto cedida pela graduanda Ana Flavia Santos de Lima

Para o sinal de *tagarela*, nota-se a relação construída com base na iconicidade. Lakoff e Turner (1989 *apud* FARIA, 2003), por sua vez, sustentam que iconicidade da linguagem é uma imagem metafórica traçada, na qual a estrutura do significado é entendida na forma de a linguagem apresentar o significado. Enfim, a iconicidade refere-se a aspectos dos sinais que são escolhidos na base da semelhança.

A iconicidade não é, necessariamente, metafórica. É preciso separar iconicidade de metáfora e segregar as distinções importantes encontradas em cada componente antes de se descrever o que motivam os traços metafóricos nas LS. Os traços metafóricos na ASL são obscurecidos pela iconicidade, ou pelo fato de alguns sinais apresentarem uma semelhança física com o objeto que eles representam. A proximidade entre ícone e metáfora parece ser tão grande que Lyons (1970) chega a ligar a iconicidade da metáfora, a imagem transferida. (FARIA, 2003, p. 80).

Nesse contexto, podemos assegurar que a configuração dos sinais metafóricos de *explodir cabeça* e *tagarela* têm representações icônicas em suas configurações, considerando que o sujeito surdo observa a ação e representa aquilo que é visualizado, ou seja, representa a coisa em si como ela é. Transferindo a imagem para a língua de sinais, ele acaba construindo um sinal para a representação dentro dos parâmetros da Libras.

Para a configuração do sinal de *fingir*, é realizado um ponto de articulação no centro do peito. A movimentação das mãos é para cima e para baixo. O sinal é executado com expressão facial no sentido de desconfiança, conforme a representação abaixo.

Figura 3 — Configuração do sinal de *fingir*



Fonte: Foto cedida pela graduanda Ana Flavia Santos de Lima

De acordo com Monte (2016), a expressão corporal (movimento para baixo) presente na configuração do sinal *fingir* é um aspecto que comprova a presença da metáfora no diálogo na Libras. O movimento, juntamente com o sinal e a orientação fomentam a contextualização da metáfora na Língua Brasileira de Sinais.

Assim, pode-se ressaltar a definição feita por BECHARA (2004, p. 397), quando este afirma que a Metáfora é “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem às classes diferentes, mas pela combinação se percebem também como assimilados”. (MONTE, 2016, p. 5).

Nesse prisma, é possível identificar que o sinal de *fingir* está relacionado ao conceito de mentira. Portanto, a movimentação das mãos juntamente com a expressão caracteriza a mentira em um diálogo que pode acontecer entre os sujeitos surdos.

Na configuração do sinal *conhecer+resumo* em Libras, o ponto de articulação no primeiro sinal é movimento no queixo. O ponto de articulação, no segundo sinal, é movimento espaço neutro. E a movimentação no primeiro é sinal para frente e para trás. A movimentação no segundo sinal é mãos se fechando, que é o sinal de resumo. A expressão facial do sinal vai depender do contexto do diálogo. Esse sinal pode ser aplicado em vários contextos de diálogos.

Figura 4 — Configuração do sinal conhecer+resumo



Fonte: Foto cedida pela graduanda Ana Flavia Santos de Lima

Nesse contexto, Monte (2016) corrobora com nossa análise da metáfora, assegurando que é bastante importante se atentar à interpretação de acordo com a sentença emitida. Um exemplo prático é o termo *laranja*. Esse simples termo pode ter vários significados, dependendo do contexto. Por exemplo: laranja pode significar de fato a cor (laranja), pode se referir à fruta, ou até mesmo à expressão jurídica utilizada para identificar o crime quando uma pessoa empresta o nome para outra para cometer fraudes. Nesse

sentido, é importante saber identificar, e interpretar uma metáfora para ter o total entendimento do que está sendo enunciado. É de uso pragmático. Dessa forma, com o sinal *conhecer* + *resumo* acontece da mesma forma. É preciso contextualizá-lo no diálogo.

Para a configuração do sinal de relaxar, o ponto de articulação ocorre num espaço neutro. A movimentação do sinal é feita com uma flexão da mão para cima e para baixo. A movimentação da mão flexionando para cima e para baixo faz referência à tranquilidade. Essa observação se dá por meio de gestos ou outras ações observadas e adquiridas no dia a dia pelo sujeito surdo.

Figura 5 — Configuração do sinal *relaxar*



Fonte: Foto cedida pela graduanda Ana Flavia Santos de Lima

De acordo com Carvalho (2004), as experiências corpóreas são fundamentais para estabelecer uma estrutura sobre a teoria da universalidade das metáforas primárias e das complexas, já que muitos contextos do cotidiano são parecidos em diferentes culturas. Carvalho ressalta que as metáforas primárias são baseadas em movimentações do corpo, cujos movimentos são padronizados de acordo com as práticas culturais do ser humano. Conforme Carvalho argumenta sobre as experiências corpóreas, o sinal de relaxar é executado baseado em ações, dentro desses conceitos, que são vistas e assimiladas com o sinal.

Para Monte (2016, p. 8), a metáfora em LBS é semelhança em forma e o sentido. Isso porque em Língua Portuguesa (LP) tem-se a expressão “cara de pau” para descrever uma pessoa de caráter duvidoso, ou seja, incapaz de mudar de expressão facial em situações que provocam constrangimentos à maioria das pessoas. Para essa pesquisadora, a semelhança entre a forma e o sentido ocorre com aquilo que é visto e representado por meio de observações e práticas, trazidas para as expressões do cotidiano do sujeito surdo. Dessa forma, podemos reconhecer que as metáforas em LBS proporcionam reflexão sobre os parâmetros necessários para que a configuração de um sinal se constitua numa metáfora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os resultados da pesquisa, foi possível alcançar os objetivos da pesquisa de reconhecer e registrar as configurações dos sinais em Língua brasileira de Sinais presentes nas metáforas utilizadas na licenciatura em Letras Libras. Dessa forma, a perspectiva da iconicidade sobre o entendimento do surdo acerca da metáfora está relacionada com o cognitivo presente na cultura e identidade dos sujeitos surdos.

Faria (2003) destaca que o conceito de metáfora é um fenômeno discursivo, que possui um valor cognitivo. Com podemos reconhecer, a metáfora, por ser usual no cotidiano, apresenta marcas culturais que dependem dos costumes das pessoas de determinado lugar para ser inserida em seus diálogos de conversações. A metonímia e a iconicidade são conceituadas como vertentes que se assemelham à metáfora, cada uma com suas peculiaridades sobre a enunciação e as expressões linguísticas.

De acordo o referencial teórico apresentado, podemos afirmar com veemência que a cultura é um fator de suma importância para a compreensão e estrutura da metáfora. Carvalho (2004) menciona os mais diversos autores para exemplificar a relação entre metáfora e cultura e tudo aquilo que permeia esses conceitos, como cognição, práticas do cotidiano, língua e convivência. Todos esses aspectos fazem parte de um conglomerado de conceitos que definem bem a

relação simbiótica entre metáfora e cultura.

Um conceito complementa o outro, e a ligação dos dois é tão próxima que ambos acabam se fundindo para determinar as expressões metafóricas que são utilizadas no dia a dia. Acerca da universalidade de metáforas primárias e complexas, é possível que haja esse conceito universal pelo fato de o ser humano ter práticas comuns, por mais que tenhamos comportamentos e formas diferentes de pensar. Portanto, nas palavras de Deignam (2003 *apud* CARVALHO, 2004), é possível compreender a cultura desde que se entenda que ela carrega as ideologias dominantes de uma determinada comunidade, que já tem suas práticas e costumes estabelecidos pela tradição e regionalismo independente do lugar.

Por fim, acreditamos que as pesquisas acadêmicas acerca de metáforas na LBS estão em processo de desenvolvimento, enquanto campo dos estudos surdos relacionado à Linguística e à Linguagem. Nesse rumo, a presente pesquisa buscou reconhecer as peculiaridades da língua de sinais no contexto da licenciatura de Letras Libras, da Universidade Federal de Rondônia. Esperamos que novos estudos possam ser fomentados, relacionados ao uso de metáforas em LBS. Desejamos que outras pesquisas possam revelar novos olhares referentes às peculiaridades semânticas e pragmáticas no campo dos estudos surdos, no contexto amazônico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais — Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Casa Civil, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 4 fev. 2022.

CARVALHO, Sérgio N. de. *Metáfora e cultura uma abordagem sócio-cognitivista*. Rio de Janeiro: UERJA-UNESA, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/39/09.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2022.

FARIA, Sandra Patrícia de. *A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos*. 2003. 416 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte. Mazza edições, 2012.

MONTE, Darlice da Silva. A metáfora na língua brasileira de sinais: um estudo bibliográfico. *Cadernos Cajuína*, [Teresina], v. 1, n.1, 2016. p. 2-10. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/4>. Acesso em: 4 fev. 2022.

SOUZA, Tayna A. Felipe de; MONTEIRO, Myrna Monteiro. *Libras em Contexto: Curso Básico — Livro do Professor*. 6. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

STOKOE JÚNIOR, William C. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. *The Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, [Oxônia. Reino Unido], v. 10, n. 1, p. 3-37, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/deafed/eni001>. Acesso em: 4 fev. 2022.